



VOL. 6 | N. 11 | JAN/JUN DE 2020 | ISSN 2359-4489

DIÁLOGOS TRANSATLÂNTICOS: RELAÇÕES E DINÂMICAS ENTRE PORTUGAL, ÁFRICA E AMÉRICA (SÉCULOS XVII - XIX)



FACES DE CLIO

As representações negativas acerca da figura feminina na antiguidade greco-romana e nos discursos dos cristianismos dos primeiros séculos e medieval

Pablo Gatt¹

Resumo: O corpo durante toda a história da humanidade foi objeto de inúmeras pesquisas, sejam elas históricas, filosóficas ou antropológicas. Esse corpo, nunca visto de forma homogênea, foi no decorrer da Idade Média, ao mesmo tempo, instrumento para a salvação da alma e um mecanismo para a prática do pecado pela satisfação dos desejos da carne, sendo representado de diversos modos nas iluminuras medievais. Nesse sentido, o artigo em questão tem como objetivo analisar a trajetória das representações acerca do corpo, principalmente o corpo feminino visto como herdeiro direto de Eva, cunhadas pelas filosofias pagãs, pelos discursos da Igreja cristã dos primeiros séculos, findando nos discursos medievais, visto que o mesmo esteve dividido por uma linha tênue.

Palavras-chave: Corpo, Idade Média, Discurso.

The negative representations about the female figure in greek-roman antiquity and in the discourses of early and medieval christianism

Abstract: Abstract: The body throughout human history has been the object of countless investigations, whether historical, philosophical or anthropological. This body, never seen in a homogeneous way, was in the course of the Middle Ages at the same time an instrument for the salvation of the soul and a mechanism for the practice of sin by the satisfaction of the desires of the flesh, being represented in various ways in the medieval illuminations. In this sense, the article in question aims to analyze the trajectory of representations about the body, especially the female body seen as the direct heir of Eve, coined by pagan philosophies, by the discourses of the Christian Church in the early centuries, ending in the medieval discourses, since it was divided by a thin line.

Keywords: Body, Middle Ages, Discourse.

¹ Doutorando em História Medieval pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman. Membro do Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos Sefaradi (Letamis). E-mail: gattpablo@gmail.com

Introdução

Compreendido como vetor do Pecado Original de Adão e Eva o corpo transporta em sua materialidade os símbolos de comportamento e as zonas de conforto estipulados pelo grupo social em que se encontra no poder. Esse corpo, principalmente o corpo feminino, esteve submetido às normas que o transformou por completo, revelando uma ordem social internalizada em seus gestos, atos e até mesmo em modelos comportamentais.

Dado que nosso artigo também está direcionado para as relações discursivas de poder que permearam o social e para as construções de identidades², moldadas socialmente e culturalmente, temos nas representações da figura feminina o ideal de subordinação seja em relação à virilidade atribuída ao homem ou como agente do Pecado Original, uma vez que através da mesma toda a humanidade caíra em tentação, pois “Eva come do fruto proibido e convence Adão a fazer o mesmo. O pecado original transforma os seres puros, criados por Deus, em seres impuros”³. Nesse sentido, é pela ingenuidade da mulher que, enganada pela serpente, o pecado entra no mundo e as mazelas do Pecado Original são transmitidas aos descendentes de Adão e Eva.

Antes de ser camponesa, castelã ou santa, a mulher foi caracterizada pelo seu corpo, pelo seu sexo, e pelas suas relações com os grupos familiares. Quer se trate de esposas, viúvas ou virgens, a personalidade jurídica e a ética quotidiana foram delineadas em função de um homem ou de um grupo de homens⁴.

A representação da figura feminina anteriormente ao imaginário cristão

Estudar as figuras femininas no tempo e no espaço é uma forma de compreender as suas representações simbólicas. Embora as pesquisas acerca da história das mulheres só foram impulsionadas a partir do ano de 1980, faltam-nos fontes escritas por mulheres, dado que as grandes partes dos documentos históricos que dispomos atualmente constam por uma figura

² Entendemos por identidade um conceito relacional, ao qual uma identidade é marcada pela exclusão da outra. Nesse sentido, identidade e diferença são necessárias uma a outra para que ambas possam existir. As identidades são representadas por sistemas simbólicos, adquirindo sentido por meio da linguagem, ou seja, mediante ao discurso. Temos então a identidade do cristão consolidada em contrariedade à identidade do pecador por meio do discurso religioso proferido pela Igreja que se encontra no poder. Ver mais em: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

³ LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, 1997, p. 158.

⁴ LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1989, p. 193.

feminina idealizada por modelos exemplares. Nesse sentido, encontramos durante a história da era cristã uma forte visão masculina sobre as mulheres e por assim dizer não seria diferente no período medieval, visto que “na documentação da Idade Média, fruto de uma sociedade dominada pelos homens, a voz das mulheres raramente se faz ouvir”⁵.

A prática de aversão à figura feminina resultou em expressões negativas acerca das mesmas, uma vez que o modo de retratar as mulheres em qualquer época retirou das mesmas a suas vozes e autonomia. No que se refere ao medievo, a negatividade além de ser constante, encontramos discursos negativos que circundaram o imaginário⁶ do período e não foram criados pela Igreja Católica, mas sim passados de tempos em tempos e relidos pelo poder religioso, visto que a região mediterrânea em que floresceu o Cristianismo forneceu os meios influenciadores a essa negatividade da carne. Nessa acepção, o poder estabelecido e advindo da Igreja difunde que os discursos contrários às práticas da ortodoxia cristã seriam agrupadas ao grupo dos *Outsiders*⁷, na medida em que males do orgulho carnal vinculado à figura feminina e as aversões à mulher no Mundo Clássico funcionaram como uma das marcas da sociedade cristã ocidental para a conceitualização desse grupo⁸. Em contrapartida, aqueles que seguem o discurso cristão, e assim adotam uma práxis social consoante com o pregado pela Igreja, encontram-se no grupo dos Estabelecidos⁹.

Na formação de modelagem das peças que compõem modos de expressões de simbolismo, causalidade, espaço, tempo, imaginação e na construção do pensamento do homem ocidental, houve uma orientação para a identificação da figura feminina com o negativo e do masculino com o positivo, para que o homem fosse posto como princípio da mudança e do movimento. A caracterização de uma figura como superior e a outra como inferior se faz necessária para a construção e para o estabelecimento de uma identidade fixada

⁵ Ibidem, p. 22.

⁶ O conceito de *imaginário* é produtor de realidades e de hierarquizações de valores (BACCEGA, 2015, p. 284). Nessa acepção, o imaginário é um sistema que concede ordem à natureza, à sociedade e ao homem. (SCHMITT, 2014, p. 36)

⁷ Defendido por Norbert Elias em sua obra *Estabelecidos e Outsiders* (1965), tal conceito refere-se ao grupo de indivíduos excluídos do poder e da sociedade por uma parcela dominante. Referente à Idade Média, os *Outsiders* serão aqueles indivíduos considerados contrários à moral cristã e praticantes de atos pecaminosos, uma vez que tal grupo será necessário para a manutenção da ordem social medieval pois, se estigmatizados como culpados, são alteridade da conduta correta de vida.

⁸ CLARK, Stuart. *Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna*. Oxford: University Press, 1997, p.78.

⁹ Ainda em Norbert Elias (1965), tal conceito refere-se àqueles grupos de indivíduos que se encontram no poder anteriormente a chegada de novos membros à comunidade da qual fazem parte.

como correta, dado que todas as identidades são produzidas pela diferenciação, ao classificar o correto e o errado, sendo impostas e não convivendo em harmonia. Nesse contexto de identificação os opostos são inseparáveis e essa classificação é tida como essencial para a manutenção da vida social, pois identidade e diferença são resultadas de atos da criação linguística.

A cada vez, o corpo entra em cena, como imagem organicista de unidade e de coesão social, e como instrumento e objeto de rituais, desde a investidura cavaleiresca até a admissão solene dos novos membros das confrarias. Em todos os casos, a tomada do corpo, a Encarnação, a dos homens como a de Deus, é realmente o paradigma eficaz que dá sentido e coesão a toda uma sociedade, a toda uma cultura¹⁰.

A mulher, e por assim dizer o seu corpo, foram vistos como *enantíon*, adjetivo de antagonismo, oposição e contrariedade, uma vez que a mesma esteve atrelada a hostilidade, na medida em que as “informações que se têm das mulheres cristãs do séc. II e III, em sua grande maioria, encontram-se em documentos anti-heréticos”¹¹. Nesse sentido, a figura feminina fora fixada como inferior ao necessitar de um princípio de movimento que a inicie, devido ao seu elemento de passividade. A dependência integral do princípio de movimento, para que a mesma seja iniciada, faz da identidade masculina superior e fixada como a correta no imaginário social.

Encontramos em Aristóteles, em sua obra *Metafísica* VIII, 4, 1044a 34¹², similar ideia, uma vez que o homem é o fornecedor da forma, princípio de movimentação, e a mulher, por sua vez, apenas contribuiu com o corpo e a matéria, entendida aqui como potência para sê-lo e não um ato determinado, mas sim em potência de gerar¹³. Para Aristóteles, no que tange a reprodução, a figura masculina é o motor e o agente, portador da essência e causa do ser a ser produzido, enquanto o feminino nesse processo é posto apenas como causa do ser produzido, pois não possui o *pneuma*, princípio necessário para a fecundidade.

Na visão dos filósofos antigos a figura feminina estava incompleta, faltando a mesma o princípio da alma, visto que o homem é o agente motivador da alma e a mulher está na alma

¹⁰ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos o tempo: ensaios de antropóloga medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 318.

¹¹ SIQUEIRA, Sílvia, M.A. Instruir as mulheres: admoestação à modéstia do *De cultu feminarum* de Tertuliano. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 33, n. 2, 2011, p. 189.

¹² ARISTOTELES. *Metafísica*. Edición trilingüe [texto grego de Ross e latino de Moerbeke]. Traducción de V. García Yebra. Madrid: Gredos, 1970. 2 vols.

¹³ LOPES, Marisa. Para a história conceitual da discriminação da mulher. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 5, 2010, p. 90.

apenas em potência, à espera do esperma masculino para ativação. É uma história masculina pautada no princípio metafísico de dominação, que conduz nas mulheres o fator da descrença quanto aos assuntos do poder e conseqüentemente nas condições de comando e capacidade natural, posto eram consideradas imperfeitas e naturalmente mais fracas. Esse discurso mais tarde encontra no Cristianismo o vetor religioso para a inferiorização da figura feminina, posto que Eva também fora culpada pelo Pecado Original e todas as conseqüências advindas do ato para toda a condição humana.

É porque a encarnação está no centro da religião cristã e que o corpo de Cristo está no centro de seus ritos que todas as representações e todos os atos dos cristãos são permanentemente colocados sob o signo do corpo, de seus humores (em primeiro lugar o sangue), de suas metáforas e de seus valores simbólicos¹⁴.

No mundo romano as representações sobre o feminino nos fornecem uma visão de inferioridade da mulher. A práxis social da mulher romana pautava-se na condição de serem pijs, castas e cuidadosas no que tangem o seu lar e seus filhos e raramente encontramos mulheres em cargos públicos ou de destaques. Não eram consideradas como cidadãs. Entretanto essa visão da mulher como subordinada e incapaz não fora homogênea na Antiguidade. Pela expressão advinda do latim, *muliebria pati*, o homem ao realizar a prática do sexo anal adquire uma experiência feminina, averiguando-se então que a desonra para o homem da aristocracia romana é a comparação de sua virilidade com a condição feminina.

A construção negativa da imagem da mulher nos imaginários cristãos dos primeiros séculos.

Restando-nos apenas textos escritos por homens sobre as mulheres e para as mesmas, temos como resultado a não retratação da diversidade dos acontecimentos e dos desejos femininos, uma vez que a exclusão da figura feminina fora tão forte no imaginário do medieval devido a reprodução discursiva de passagens presentes na Sagrada Escritura, como as do livro de *Jó 25, 4-6*¹⁵.

¹⁴ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos o tempo: ensaios de antropóloga medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 313.

¹⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

No esquema da sociedade trifuncional, a mulher não tinha qualquer lugar. Se, para os homens da Idade Média, existe uma categoria mulher, durante muito tempo a mulher não é definida por distinções profissionais, mas pelo seu corpo, pelo seu sexo, pelas suas relações com determinados grupos. A mulher define-se como esposa, viúva ou virgem¹⁶.

Os textos bíblicos também estão repletos de exemplos negativos à figura feminina. Dalila é um exemplo dessa negação, pois ao seduzir Sansão o traiu entregando-o aos inimigos filisteus (*Juízes 16, 1-21*). Com a versão jeovista do *Gênesis* (*Gênesis 2, 21-15*), aceita pelos Patrísticos e pelo clérigo da Idade Média Central (sécs. X-XIV), acarretou-se para a figura feminina uma subordinação em relação ao homem, justamente por Eva ser criada por intermédio da costela de Adão e não a imagem e semelhança de Deus, além de ter feito o homem cair em tentação na companhia do Diabo em forma de serpente. Esse argumento também foi defendido pelos principais expoentes da Teologia cristã, Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) e Tomás de Aquino (1225-1274), fundamentando-se assim, uma visão negativa acerca da mulher¹⁷.

Não só encontramos apenas em Agostinho ou Aquino tais exemplos, mas sim durante toda a história da humanidade e em correntes opostas à vertente religiosa cristã. Os filósofos Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), negaram a boa natureza da mulher. Os médicos gregos Galeno (130-210 d.C.) e Sorano (98 d.C.), testemunharam contra o caráter positivo da natureza feminina, tão quanto os próprios Pais da Igreja como Ambrósio de Milão (340-397 d.C.), Jerônimo (347-420 d.C.) e João Crisóstomo (347-403 d.C.). De fato, temos uma persistência e perseguição às mulheres anteriormente ao início da era cristã, visto que a ordem da criação do mundo fora refletida na ordem social, em que a figura feminina assumiu todo o fardo da criação, posto que houvera a estipulação de lugares de fala e posições sociais para as mesmas.

Noutros grupos, como o dos valentinianos, as mulheres tinham direitos iguais aos dos homens, algumas eram reverenciadas como profetisas, outras exerciam as funções de ensino, evangelização e cura, agindo muitas vezes como padres e bispos.

¹⁶ LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1989, p. 22.

¹⁷ BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed, 1991, p. 32.

Em contrapartida, nas igrejas ortodoxas, as mulheres eram cada vez mais segregadas e relegadas às funções secundárias¹⁸.

Perante as representações femininas apresentadas até aqui e que foram difundidas em discursos religiosos, médicos e pelas características negativas atreladas às mesmas, como a sedução e a mentira, fora conferido para a imagem da mulher que restrita em seu espaço privado, a mesma, oferecia um perigo menor a sociedade. Ademais, para a masculinidade foram atribuídos adjetivos que engradeceriam a figura do homem, como a honestidade, honra e espiritualidade, encaixando-o perfeitamente aos lugares públicos e posições de poder.

Com o advento e expansão do Cristianismo os possíveis caminhos percorridos pelas mulheres se ampliaram. A vida religiosa e o adentro a mesma passa a designar a aquelas que fazem parte da aristocracia, viúvas ou virgens, um guiar-se em prol da exaltação de Deus. Desde que despojadas de toda sua herança, essas mulheres puderam caminhar durante toda a vida em benefício do Senhor, porém ainda continuavam supervisionadas por uma figura masculina considerada superior.

A educação nos conventos, do mesmo modo, não escapou a essa situação. As mulheres que optavam por essa vertente eram consideradas pecadoras por natureza, consequência do Pecado Original de Adão e Eva, e os seus corpos eram sexualizadas, pois fora essa carne que trouxe o pecado e o mal ao mundo terreno. Nesse sentido, fora por esse vetor que foram associadas à fraqueza da carne, a contrariedade da razão, ao material, visto que esses argumentos foram e ainda estão sendo reforçados na história e no tempo desde os Padres da Igreja pelas Sagradas Escrituras, como em *Gênesis 3, 16*, até os dias atuais.

Na maior parte da literatura, quando se fala da proibição das mulheres tocarem em alguma coisa que pertença à esfera do homem – o seu equipamento de caça, por exemplo – isso é encarado como uma indicação da dominação masculina através da exclusão as mulheres de atividades de maior prestígio. Por outro lado, quando se proíbe que se os homens tenham contato com algum elemento da esfera feminina – como o sangue menstrual – esse fato recebe a interpretação oposta, passando a ser considerado um sinal da inferioridade feminina (tradução nossa)¹⁹.

¹⁸ SILVA, Roberta Alexandrina da. "Afastese Maria, de nós, pois as mulheres não merecem a vida!": Heterodoxia e ortodoxia nos inícios do Cristianismo. IN: FUNARI, Pedro Paulo. *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume Editora, 2008, p. 130.

¹⁹ No original: "In much of the literature, when women have been described as being prohibited from contact with something in the male domain – a man's hunting gear, say – it has been interpreted as an indication of male dominance manifested by women's exclusion from prestigious activities. Conversely, however, when it is forbidden for men to have contact with something in the female domain – such as menstrual blood – it has been interpreted in an opposite manner, as a sign of female inferiority." BUCKLEY, Thomas; GOTTLIEB, Alma.

No que tange as Sagradas Escrituras, o *Corpus Paulinum* serviu de base para o reforço da imagem negativa da mulher e para a divisão de tarefas a partir de um denominador sexual, argumento utilizado pelos próprios clérigos nos primeiros séculos da era cristã. O *Corpus Paulinum* é a expressão máxima do Cristianismo. As cartas deuteropaulina serviram como veículos de produção política e manutenção das comunidades cristãs²⁰. Exemplo maior de orientação encontra-se em *I Timóteo 2, 8-15* ou em *I Timóteo 5, 9-13*, em que encontramos inúmeras considerações acerca do papel da mulher em sociedade, no casamento ou em família.

Paulo foi “primeiro” no sentido de ser preeminente entre os teólogos cristãos. Ele pertenceu àquela geração que foi mais criativa e mais definitiva para a formação e a teologia do cristianismo do que qualquer outra desde então. E nessa geração ele mais do que qualquer outra pessoa contribuiu para que o novo movimento originário de Jesus se tornasse religião realmente internacional e intelectualmente coerente. Paulo foi efetivamente chamado o “segundo fundador do cristianismo”, que, “em comparação com o primeiro, exerceu, sem dúvida alguma, a influência... Mais forte”²¹.

Toda a documentação paulina, seja deuteropaulina ou pós-paulina, funcionou como formulador da moral e da identidade cristã²², reforçando o papel da mulher na sociedade. Como os escritos mais antigos do *Novo Testamento*, tais cartas, datadas dos anos 50 e 60 do primeiro século da era cristã, foram essenciais para a consolidação da identidade do Cristianismo. Paulo, de fato, foi o organizador da Igreja e da imagem institucional ao qual se formou em torno da instituição religiosa, dado que essas cartas nos ajudam a entender o surgimento de um Cristianismo em meio ao circuito greco-romano e judaico, uma vez que podemos considerar a utilização do termo Cristianismos. De fato, o *Corpus Paulinum* funcionou como base para a organização eclesiástica e social.

Blood Magic: The anthropology of menstruation. Los Angeles: The Regents of the University of California, 1988, p. 14.

²⁰ KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo Primitivo. Volume II.* Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005, p. 37.

²¹ ERHMAN, B. D. *Pedro, Paulo e Maria Madalena.* Tradução de Celina Falck-Cook. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 139.

²² SILVA, Roberta Alexandrina da. “Teologia Paulina na construção de uma identidade cristã nos primeiros séculos e o problema contido no apócrifo dos Atos de Paula e Tecla.” In: In: ABARANTES, Elizabeth Sousa; VIEIRA, Ana Lúcia B; ZIERER, Adriana. *História Antiga e Medieval: sonhos, mitos e heróis: memória e identidade.* São Luis: UEMA, 2015, p. 316.

As estratégias de Paulo e de autores que se utilizaram o nome de Paulo, período posterior, nos primórdios do seu cristianismo particular, tiveram seus aspectos inseridos dentro de um contexto de valores sobre honra e vergonha. As estratégias de Paulo, nos primórdios do seu cristianismo particular, foram atitudes morais e distinção sexual por membros das comunidades cristãs. E que, muito embora não tenham sido a grande causa da submissão e da inferioridade da mulher cristã, implicaram em bases para isto; pois o cristianismo pós-paulino respaldou-se no poder da figura de Paulo para legitimar a divisão sexual dentro da Igreja; definindo, portanto, feminilidades e masculinidades dentro destas antigas comunidades cristãs²³.

Do mesmo modo que o Cristianismo dos primeiros séculos não fora homogêneo, dado que o consideramos como um conjunto de comunidades multiformes que, ao longo do mediterrâneo, foram envoltas por tensões entre suas lideranças, o *Corpus Paulinum* também pode ser interpretado por intermédio dessa fluidez, assim como o movimento judaizante-helenizado promovido por Paulo de Tarso. Desse modo, os textos bíblicos ofereceram uma visão que contribuiu ao estigma negativo da mulher como fraca e necessitada da supervisão da figura masculina, posto que os escritos paulinos se tornaram expressões máximas do Cristianismo medieval.

A luta contra o estigma negativo da figura feminina e os discursos enfáticos dessa inferioridade no medievo

Poucas são as representações femininas que, ao conquistarem espaço e voz, escapam a alusão do imaginário estigmatizado e do interdiscurso negativo ao corpo. Encontramos em Hildegarda de Bingen, na poetisa medieval Christine de Pisan e em Teresa de Ávila valiosos escritos de autoria feminina.

Temos em Christine de Pisan os primeiros indícios de combate a essa aversão feminina. Sendo beligerante na luta à visão masculina, a poetisa escreveu entre os anos de 1042-1205 obras como *Book of the City of Ladies* ou *Livre de la Cité des Dames* e *The Treasure of the City of Ladies*, em que incentivou as mulheres a lutarem por autonomia e não se calarem perante os homens, combatendo o ideal feminino cristão que se era esperado. Contudo, a figura feminina militante fora pequena em meio a uma Igreja predominantemente

²³ SILVA, Roberta Alexandrina da. Sexualidades cristãs antigas: Masculinidade e sexualidades nas comunidades cristãs nos dois primeiros séculos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. III, jan/2011, p. 11.

masculina, pois os discursos religiosos apoiavam-se em passagens bíblicas como *I Coríntios 11, 7-8* ou *I Timóteo 2, 11*. As *Cartas aos Coríntios*, principalmente o *versículo 07, capítulo 11*, justificava essa inferioridade, assim como os demais versículos, sejam eles *I Coríntios 2-16 e 14, 33-36*.

Construídos e moldados pela sociedade, gênero e sexualidade são conceitos que ganham sentidos apenas dentro de lutas de poder. Os ardis da fala da mulher, o seu sexo e a caracterização da mesma como imagem única, foram marcas do período que conhecemos como Idade Média. Diferentemente do exemplo de Christine de Pisan, raramente encontramos registros escritos por mulheres sobre os acontecimentos de suas vidas. A tradição medieval, seja ela patrística ou escolástica, nos mostra uma mulher frágil, pecadora e governada por seu desejo, quando não empregada pelo modelo de comportamento simbólico e santificado da Virgem Maria, mãe de Cristo e responsável pela redenção de todos os nossos pecados.

De um lado representa o mal e o pecado, através da ingestão do fruto proibido por Eva, que levou os medievos ao desprezo e à desconfiança com relação aos seres deste sexo. As mulheres eram usualmente vistas como mentirosas, tentadas ao adultério e inclinadas à luxúria e ao demônio. A salvadora dessas mulheres seria Maria, a virgem escolhida pelo Criador para gerar um homem perfeito, Jesus, o filho de Deus, que se sacrificou para redimir os pecados da humanidade²⁴.

O século XII fora marcado pelas manifestações clericais, em que as mulheres foram caracterizadas por seus instintos e não pelo advento da razão²⁵. A Baixa Idade Média (sécs. XIV-XVI), trouxe uma visão de descontrole do sexo feminino, pautado na fraqueza e fragilidade, embora tenha sido o período de apogeu do culto mariano. Ademais, a imagem da figura feminina não passou por grandes modificações, visto que sempre esteve voltada para a simbologia de filha e herdeira direta de Eva.

Nota-se que as representações do feminino estiveram permeadas pelo o caráter da inferioridade, encaixando-as primordialmente ao viés doméstico, em que a principal função feminina seria a utilização de seu órgão apenas para a reprodução, dado que “o corpo tem sua frente, lugar da diferença sexual, e suas costas, sexualmente indiferenciadas e potencialmente

²⁴ ZIERER, Adriana. Significados medievais da maçã: fruto proibido, fonte do conhecimento, ilha paradisíaca. *Revista Mirabilia*, n. 01, p. 104-119, 2001, p. 117.

²⁵ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O legado de Heloísa: religião e educação feminina na Baixa Idade Média”. In: VIEIRA, Ana Livia B; Zierer, Adriana: *História Antiga e Medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedade e imaginário*. São Luis: UEMA, 2009, p. 146.

femininas, ou seja, é algo passivo, submisso”²⁶. Nesse sentido, a parte traseira do corpo remete-se a uma analogia a figura feminina, que por sua vez, representaria a passividade e a justificativa das representações simbólicas da dominação masculina nas relações de poder.

Fora a mulher o personagem mais inferiorizado no medievo, visto que “era filha e herdeira de Eva, fonte do Pecado original e instrumento do Diabo”²⁷, sem direito sequer a própria voz. A figura feminina, seja como agente do Diabo ou herdeira direta de Eva, oscilou entre essas duas categorias criadas pelo poder religioso, pois quando não estava sob o controle do pai deveria estar sobre o controle do marido, chegando a representar um verdadeiro perigo quando viúva, uma vez que não estaria sob a tutela de nenhum homem para vigiá-la²⁸.

As mulheres constantemente foram representadas em imagens. As primeiras imagens cristãs apareceram, aproximadamente, no ano de 200 d.C. Tais iluminuras funcionavam como a Palavra de Deus na forma de desenho, posto que compreendemos o pensamento medieval por meio das representações, como “imagens comunicam aquilo que as palavras calam”²⁹. É através da obra de Lucas Cranach, denominada de *O Velho, Adão e Eva*, de 1531 que, ao retratar a simbologia do Pecado de Adão e Eva, podemos ter uma percepção da assimilação de Eva com a serpente, comparação resultada de uma visão hegemônica que perdurou-se durante o Medievo. Na mesma iluminura percebemos a harmonia que existia no paraíso anteriormente ao pecado em questão, visto a presença do leão ao lado de um cervo, animal que se transvestiria em sua futura presa e caça após a desarmonização da natureza provocada pelo Pecado Original. Nota-se também que a mulher e a serpente possuem rostos similares, pois “a abominação do corpo e do sexo atinge o cúmulo no corpo feminino. De Eva à feiticeira no final da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do Diabo”³⁰.

A tradição bíblica do Antigo Testamento esclarece a presença e o significado dos animais nas visões, profecias e sonhos atribuindo aos mesmos um papel que lhes é próprio dentro da mensagem divina. É importante esclarecer que o animal não tem papel figurativo. Ele é também, um dos atores, podendo ser inclusive o ator

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 26.

²⁷ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 36.

²⁸ LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, p.149-164, 1997, p. 157.

²⁹ SIQUEIRA, Silva. Representações figurativas e suas possibilidades para compreender os limites entre o judaísmo e o cristianismo na Antiguidade Tardia. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 1, 2013, p. 72.

³⁰ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994, p. 146.

principal. Ao se estabelecer as fronteiras entre visões, profecias e sonhos, o animal emerge indicando a função que lhe cabe³¹.

A iluminatura também carrega a simbologia da inferioridade feminina, procurando representar por meio dos símbolos o lugar que ocupou a representação da mulher como a responsável pela entrada do mal no mundo. Do mesmo modo, a obra em questão também representa o lugar da figura do Diabo no advento do Pecado Original, posto que sempre esteve presente no atormentar do homem de acordo com o imaginário medieval.

Considerações finais

Durante toda a história da humanidade percebemos a associação da figura feminina com o negativo, ao fixar-se a identidade masculina como a correta. Seguindo a tradição proposta pelas filosofias antigas de Platão e Aristóteles, o feminino fora posto como complemento ao masculino e não um organismo completo por si mesmo. Nas análises provenientes da medicina antiga, a imagem da mulher não fora conceitualizada de modo diferente, sendo vista também pelo viés da inferioridade, como receptáculo para a fecundação enquanto o masculino é o agente principal e detentor das atribuições necessárias para o ato. Nesse sentido, no imaginário pagão, e anterior à religião cristã, a figura feminina fora inferiorizada por pressupostos de cunho tanto filosóficos quanto medicinais.

Com o advento do Cristianismo, em um primeiro momento as mulheres estiverem associadas a simbologia de Pecado Original, as mulheres medievais, como um todo, foram excluídas e marginalizadas pelo interdiscurso religioso, pois censurar a figura feminina é censurar a sua linguagem. Fora essa visão, encontramos pouquíssimas representações femininas que constam por uma exaltação do sexo em questão. A ligação da mulher com a figura de Maria também foge ao imaginário de negação, posto que Maria é a mãe de Cristo, o responsável pela redenção de nossos pecados. Entretanto, as ligações do feminino com os ardis da fala e a sedução foram uma das características presente no imaginário centro-medieval, fazendo-a com que a mulher fosse impedida de galgar o seu próprio caminho,

³¹ RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “Voos da alma. Sonhos, visões ou profecias?”. In: ABARANTES, Elizabeth Sousa; VIEIRA, Ana Livia B; ZIERER, Adriana: *História Antiga e Medieval: sonhos, mitos e heróis: memória e identidade*. São Luis: UEMA, 2015, p. 51.

sempre associada com a enganação ou a trapaça. “Eva é a responsável pela morte de todos os seus descendentes que poderiam ser imortais se continuassem a viver no Paraíso”³².

No que tange o período medieval não pode haver uma distinção entre o teológico e o sexual, ou seja, a mulher, mais que o homem, permaneceu presa ao desejo e ao estigma da carne pecadora. Ela é a herdeira direta de Eva, agente do Diabo, idealizada em sua passividade, pertencente, vigiada sempre ao pai ou ao marido e considerada perigosa quando foge a tutela de uma figura do sexo masculino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O legado de Heloísa: religião e educação feminina na Baixa Idade Média”. In: VIEIRA, Ana Livia B; Zierer, Adriana: *História Antiga e Medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedade e imaginário*. São Luis: UEMA, 2009.

BACCEGA, Marcus. *O sacramento do Santo Graal: Decifrando o imaginário medieval*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUCKLEY, Thomas; GOTTLIEB, Alma. *Blood Magic: The anthropology of menstruation*. Los Angeles: The Regents of the University of California, 1988.

CLARK, Stuart. *Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna*. Oxford: University Press, 1997.

ELIAS, Norbert. *Estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. São Paulo: Zahar, 1965.

ERHMAN, B. D. *Pedro, Paulo e Maria Madalena*. Tradução de Celina Falck-Cook. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 139.

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo Primitivo*. Volume II. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

³² LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, p.149-164, 1997, p. 160.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, p.149-164, 1997.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1989.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

LOPES, Marisa. Para a história conceitual da discriminação da mulher. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 5, p. 81-96, 2010.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “Voos da alma. Sonhos, visões ou profecias?”. In: ABARANTES, Elizabeth Sousa; VIEIRA, Ana Lúvia B; ZIERER, Adriana: *História Antiga e Medieval: sonhos, mitos e heróis: memória e identidade*. São Luis: UEMA, 2015.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos o tempo: ensaios de antropóloga medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA, Roberta Alexandrina da. "Afaste-se Maria, de nós, pois as mulheres não merecem a vida!": Heterodoxia e ortodoxia nos inícios do Cristianismo. IN: FUNARI, Pedro Paulo. *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume Editora, 2008.

SILVA, Roberta Alexandrina da. Sexualidades cristãs antigas: Masculinidade e sexualidades nas comunidades cristãs nos dois primeiros séculos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. III, n. 9, p. 1-12, jan/2011.

SILVA, Roberta Alexandrina da. “Teologia Paulina na construção de uma identidade cristã nos primeiros séculos e o problema contido no apócrifo dos Atos de Paula e Tecla.” In: In: ABARANTES, Elizabeth Sousa; VIEIRA, Ana Lúvia B; ZIERER, Adriana: *História Antiga e Medieval: sonhos, mitos e heróis: memória e identidade*. São Luis: UEMA, 2015.

SIQUEIRA, Silvia, M.A. Instruir as mulheres: admoestação à modéstia do *De cultu feminarum* de Tertuliano. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 183-190, 2011.

SIQUEIRA, Silva. Representações figurativas e suas possibilidades para compreender os limites entre o judaísmo e o cristianismo na Antiguidade Tardia. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 1, p. 71-89, 2013.

ZIERER, Adriana. Significados medievais da maçã: fruto proibido, fonte do conhecimento, ilha paradisíaca. *Revista Mirabilia*, n. 01, p. 104-119, 2001.

Fontes Primárias

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

ARISTOTELES. *Metafisica*. Edición trilingüe [texto griego de Ross e latino de Moerbeke]. Traducción de V. García Yebra. Madrid: Gredos, 1970. 2 vols.
